Sexta ou sábado? Considerações sobre os cem anos de Além do princípio do prazer

Rodrigo Gama Goulart¹

RESUMO: O presente artigo foi produzido com a intenção de elucidar aspectos da teoria psicanalítica e, por consequência, sua prática clínica. O autor sugere que aspectos relacionados à dinâmica psíquica, como o prazer e o desprazer, o acúmulo de energia no aparelho mental e sua descarga, tem íntima relação com o modo de funcionamento de cada indivíduo que, por sua vez, é único, singular e sempre presente. Aspectos da teoria freudiana são utilizados como base para o desenvolvimento deste trabalho, inclusive pontos de vista biológicos e embriológicos do suposto surgimento do ser vivente sensível aos estímulos externos e internos.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise, prazer-desprazer, memória, desejo.

A ciência psicanalítica, como se sabe, influenciou diretamente a maneira de pensar e existir humanos, não apenas como método de tratamento psicoterápico para os pacientes e profissionais que a exercem, como também na cultura, onde já podemos encontrar com nitidez a reverberação da obra de Freud, sempre atual, assim como das produções mais contemporâneas, alimentadas por psicanalistas que se encontram ao redor de todo o planeta.

1. Psicólogo, Membro do Núcleo Psicanalítico de Aracaju, do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Recife, membro-fundador da sede brasileira do Instituto Psicanalítico de Formação e Pesquisa Armando Bianco Ferrari e preceptor da Residência Médica em Psiquiatria da Fundação em Beneficência do Hospital de Cirurgia.

O ser humano vivente é dotado primeiramente de um corpo e sua mente que surge como função para suprir as necessidades e tentar garantir a sobrevivência, um sistema complexo que adquiriu suas características desde o início da vida e ao longo da evolução da espécie.

Sabe-se, perante o desenvolvimento da Psicanálise, sua prática e observação clínica, que o funcionamento do aparelho psíquico também obedece às leis universais da natureza procurando a homeostase, o equilíbrio do sistema ao qual está inserido. Um dos processos que auxilia nesta tarefa é denominado Princípio do Prazer, termo cunhado por Freud para se referir ao processo cuja intenção é promover a regulação diante de uma experiência desprazerosa. Deste modo, existe uma tendência natural pela busca do prazer e a evitação do desprazer. O acúmulo de tensão no interior do aparelho psíquico é percebido pela consciência, através dos órgãos dos sentidos, como uma sensação de desprazer (Freud, 1920; 2010). Há, nesta situação, o esforço conjunto das instâncias psíquicas na busca de descarregar esta tensão e para que assim a sensação de prazer seja restaurada. Este processo está relacionado ao ponto de vista econômico do funcionamento mental, ou seja, a mente procura funcionar com o menor gasto de energia possível, ou ao menos que isto seja realizado de maneira estável e, para isso, reduz a quantidade de tensão e estímulo ao menor grau possível, por assim dizer, sempre buscando a homeostase e o equilíbrio do sistema. Esta lei da economia interage intimamente com o dinamismo em que a mente realiza suas operações, isto é, o percurso que o estímulo percorre dentro do sistema até ser descarregado e será, de maneira mais direta ou prolongando seu percurso, se for o caso, até a sua satisfação. De todo modo, “o desprazer corresponde a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade”, de tensão acumulada (Freud, 1920; 2010, pg. 163). Sendo assim, a sensação que chega à consciência é a variação entre a diminuição e o aumento da tensão em um determinado período de tempo.

Quando as substâncias inorgânicas se organizaram de uma maneira tal, capaz de formar uma membrana protetora e sensível a estímulos, excitável, que também teria a função de diferenciar o meio interno do meio externo,

havendo a possibilidade de armazenar energia e selecionar as trocas e dissipação de material com o meio, surge o primeiro ser vivo neste planeta, composto por uma célula apenas.

...a sua superfície voltada para o mundo externo é então diferenciada pela própria localização, servindo como órgão receptor de estímulos. A embriologia, enquanto repetição da história evolutiva, mostra realmente que o sistema nervoso central provém do ectoderma, e que o cinzento córtex cerebral é ainda um derivado da superfície primitiva e poderia ter herdado características essenciais desta (Freud, 1920; 2010, pág. 187).

Deste modo, os estímulos provenientes do meio externo que chegam até esta vesícula de substância excitável, são capazes de alterar apenas a matéria existente em camadas até certa profundidade. Isto significa que o estímulo e o processo de excitação ocorrem diferentemente dos processos que ocorrem nas camadas mais profundas do ser vivente.

De acordo com Freud, tal processo facilitaria a formação de uma espécie de casca, modificada pela ação dos estímulos de natureza externa, capaz de apresentar as condições mais favoráveis para a captação de novos estímulos e não seria capaz de novas modificações.

Analogamente ao sistema consciente, é lícito afirmar que seus elementos não tolerariam mudanças permanentes na passagem da excitação, pois já estariam modificados ao extremo, o que supostamente faria surgir a consciência, dotada das características às quais conhecemos, como os órgãos dos sentidos, ou melhor, a percepção destes.

Afirmou Freud, em relação a esta questão, que ao passar de um elemento para outro, de uma camada para outra, a energia excitatória teria de superar uma resistência e isto produziria um traço permanente da excitação, ou seja, a facilitação. Sendo assim, no sistema consciente não existiria mais resistência na passagem entre os elementos.

Tal concepção pode ser relacionada à distinção, feita por Breuer, entre energia de investimento parada (ligada) e livremente móvel, nos elementos dos sistemas psíquicos. Então os elementos do sistema consciente não conduziriam energia ligada, apenas energia capaz de ser descarregada (Freud, 1920; 2010, pág. 188).

A camada cortical receptiva, excitatória a estímulos, tornou-se de fundamental importância para a manutenção da vida, já que o organismo seria facilmente liquidado pelo constante bombardeio dos estímulos provindos do meio externo se não fosse dotado de uma eficiente proteção contra tais inferências. Esta membrana tem a função de filtrar, ou seja, os estímulos penetram no interior do organismo com apenas uma parte de sua intensidade inicial nas camadas adjacentes, mais profundas, preservando a vida e a integridade destas, até que chegue uma carga de estímulos tal que consiga perfurar a proteção.

A recepção de estímulos serve, antes de tudo, ao propósito de saber a direção e a espécie dos estímulos externos e, para isso, basta retirar pequenas amostras do mundo externo, prová-lo em quantidades mínimas (Freud, 1920; 2010, pág. 189).

Tais excitações intensas o suficiente para romper esta barreira de proteção são aquelas traumáticas, isto é, têm a capacidade de gerar grande desregulação no gerenciamento de energia do organismo e assim estimular todos os mecanismos de defesa existentes até então. O que se conhece como princípio do prazer escapa à resolução desta questão, pois o aparelho psíquico já se encontra inundado por uma relevante quantidade de estímulo. Não se pode evitar o que já está feito. A partir deste ponto emerge a nova proposta, a de controlar o estímulo que já se encontra no interior aparelho e de fazer ligações com as outras quantidades de energia que já se encontravam nesta posição com o propósito de conduzi-las à descarga.

O exemplo da dor física serve ao propósito neste caso, ao qual a

membrana protetora contra estímulos foi rompida em uma área limitada e determinada. Deste lugar da periferia, da camada que entra em contato com o meio externo, as excitações são direcionadas para o aparelho psíquico de forma continuada, que usualmente eram oriundas apenas do interior do aparelho.

De todos os lados é convocada energia de investimento a fim de criar, em torno do local da irrupção, investimentos de energia correspondentemente elevados. Produz-se um enorme “contra-investimento”, em favor do qual todos os demais sistemas psíquicos empobrecem, de modo que há uma intensa paralização ou redução do sistema psíquico restante (Freud, 1920; 2010, pág. 193).

Assim, pode-se fazer referência ao sistema altamente investido, aquele que tem considerável quantidade de energia ligada e, por este motivo, é capaz de receber nova energia que para ele chega, fazendo transformações e novas ligações psíquicas. A energia livre, que anteriormente era apenas capaz de ser descarregada, transforma-se em energia ligada, investida.

Este fato é pretencioso e central para a compreensão do funcionamento psíquico, pois “quanto mais alto o investimento parado, tanto maior a sua força ligadora” (Freud, 1920; 2010). O aparelho torna-se mais capaz de receber o estímulo invasor e tolerar o trauma de forma mais saudável, atualizando-o e transformando-o em investimento, ao invés da energia livre que perambulava livremente com potencial destrutivo.

Em contra partida, é correto também afirmar que quanto menor for o investimento do sistema, menor será sua força ligadora, estando também menos capacitado para efetuar novas ligações e receber energia livre, afluyente, elevando consideravelmente a violência causada pela ruptura da membrana de proteção, como também da sensação de desprazer que é percebida pelo sistema consciente.

Pode-se concluir, desta forma, que a violência traumatizante é

compreendida pelo desarranjo energético causado no sistema, pelo terror e ameaça à vida que busca constantemente o equilíbrio, a descarga e o alívio da tensão causada pelo acúmulo de estímulos, elevando novamente a tensão com a nova onda de estímulos que virão a seguir. Cada sujeito, cada ser humano é único e, talvez redundantemente, cada aparelho psíquico também é singular e deve obedecer às suas particularidades, intimidades que são colocadas à prova perante perturbações a que está susceptível enquanto houver vida.

Como citado anteriormente, a primeira vez que um estímulo chega ao meio interno, ou seja, ao interior do aparelho psíquico, o faz pelo rompimento da membrana protetora ao qual Freud conjecturou, fazia referência e, deste modo, não é mais capaz de ser descarregado a princípio. Um fato que merece destaque é que no interior do sistema já existe energia. Ora, o sujeito está vivo! A energia ligada, à qual Freud se referia, tem como uma de suas funções a manutenção da vida - a troca e a dissipação da energia com o meio é dificultada pela membrana – e, para isto, recebe a nova energia, o novo estímulo e o acolhe, o liga, quase como um efeito gravitacional onde os corpos se atraem e o de maior massa tende a atrair o de menor massa que, por assim dizer, é energia acumulada. Isto significa dizer que tanto a energia/estímulo que adentrou ao sistema quanto a energia que já existia e o próprio sistema foram modificados. A energia livre, capaz apenas de ser descarregada, foi acolhida pelo sistema, assim tornando-se capaz de realizar novas ligações e receber novo material. O psiquismo encontra-se em uma situação nova: aquele novo estímulo jamais foi recebido por aquela mente específica e naquelas condições. E como, tanto o sistema quanto o estímulo são modificados, o próximo estímulo será diferente e encontrará um sistema também diferente, modificado e, neste sentido, novo. Todo acontecimento é realizado pela primeira vez. É sempre a primeira vez!

Um paciente chega à sala de análise, deita-se no divã e, no meio da sessão se lembra de um sonho, mas não tem certeza quando ocorreu, fica na dúvida entre a sexta-feira ou o sábado da semana anterior à sessão,

mas não lhe ocorre ainda a possibilidade de que o sonho estava acontecendo exatamente naquele momento, ali enquanto estava comigo e dizia se lembrar. Penso que não existe outro tempo. Todo o material se apresentava naquele momento, no momento presente da experiência que estava acontecendo, propiciando um espaço rico e um terreno fértil para aquilo que não conhecemos e ainda está por vir.

A recomendação técnica de Wilfred Bion, quando se refere ao “Sem memória, sem desejo e sem compreensão racional”, desperta de fato curiosidade e espanto para os mais leigos e estimula até hoje discussão no meio psicanalítico. Quando da tentativa de uma compreensão mais literal, existe a possibilidade de confusão do que Bion realmente se propunha a pensar e sugerir para os analistas em sua prática, já que é impossível, como se sabe, que deixemos nossas memórias e desejos do lado de fora do consultório.

Entretanto, o “sem memória e sem desejo” se refere a uma mudança de postura interna do analista, que visa uma certa privação artificial e intencional dos órgãos dos sentidos para facilitar a percepção ao máximo possível de intuição, observando o que ocorre dentro de si mesmo. Se trata, portanto, de uma contribuição e desenvolvimento do que Freud já propunha como atenção flutuante e associação livre.

A memória sempre é equívoca como registro de fatos, porquanto ela está distorcida pela influência das forças inconscientes. Os desejos distorcem o juízo porque selecionam e suprimem o material a ser ajuizado. (...) Para o analista, cada uma das sessões deve carecer de história e futuro (Bion, 1967, p. 679).

Visto isso, no momento em que escrevo estas linhas, a humanidade está vivendo a experiência de uma pandemia causada pelo novo coronavírus, Sim, novo porque na realidade este vírus é um velho conhecido da ciência, mas era, até então, inofensivo para os “animais humanos”, como Bion por muitas vezes sugeriu na tentativa de que não esquecêssemos o que realmente somos, animais, apesar de diferentes das outras espécies,

mas ainda assim e com tudo o que nos torna animais. Uma recente mutação fez com que o vírus fosse capaz de acoplar-se aos receptores humanos e, por este motivo, proliferar-se, mas para isso, causa grande estrago nos tecidos e, em um número de casos expressivo até o momento, ceifando a vida por falência respiratória daqueles que foram contaminados. Como se isso não fosse o suficiente, esta infecção torna-se ainda mais perigosa por conta da sua agressividade, facilidade e eficácia na contaminação de outras pessoas.

Apesar deste fato o vírus não é mau, demoníaco, a despeito do terror e ameaça que tem causado a espécie humana. Visa, neste sentido, sobreviver, assim como nós e todos os outros organismos vivos, por mais primários que sejam. Seguem um instinto básico da natureza, onde a finalidade é a manutenção da própria vida e a perpetuação da espécie. Este me parece ser um ponto central, já que esta também é a intenção da humanidade, mas a sua vida e a vida do vírus não parecem, no momento, serem compatíveis.

Durante este tempo em que a pandemia ocorre, adaptações são necessárias para a segurança da espécie humana e sua perpetuação, como o distanciamento social, a prática rigorosa de higiene e o uso adequado de máscaras para dificultar a disseminação do vírus. Esta tarefa é realizada por necessidade, como toda adaptação e todo desenvolvimento. Tentamos nos proteger como podemos, em nossas casas, evitando ao máximo o contato social com outras pessoas, outros semelhantes da mesma espécie e, claro, não é nada agradável: o animal humano é, por excelência, um animal gregário, que vive em bando, em contato e em relação com outros animais humanos, apesar de não ser a única espécie a ter esta característica como função.

Esta experiência tem causado, ou melhor, revelado e potencializado questões que até então permaneciam obscuras como, por exemplo, a intollerância a aspectos de si mesmo, de características do próprio sujeito que evitava este contato porém, pelo excesso da presença causada pelo isolamento social, são mais facilmente sentidas, percebidas e observadas - os estímulos internos ganham mais notoriedade em detrimento à diminuição

drástica dos estímulos externos. A onipotência é colocada à prova com a percepção de que todos somos vulneráveis, susceptíveis ao adoecimento e que precisamos nos cuidar, a nós mesmos e uns aos outros, se quisermos continuar vivos. Medo e angústia aparecem e ficam mais claros como produto da percepção dos limites que nos torna animais humanos, impotentes, falhos, imperfeitos e frágeis.

Este fato tem o potencial de gerar fantasias sobre a possibilidade de se voltar a um estado anterior, ou seja, àquela experiência vivida antes do isolamento social causado pela pandemia, por exemplo. Acontece que, como se sabe, esta tarefa não é possível pois, como descrito ao longo deste trabalho, mudanças no sistema corpo-mente já aconteceram e continuam acontecendo, o que já nos torna diferentes e, conseqüentemente, incapazes de viver a mesma experiência como já vivemos.

De acordo com Ferrari (2004), é impossível conhecer, de fato, o tempo. Pode-se perceber, com esforço e alguma sorte, as marcas deixadas pela passagem do tempo (mudanças no corpo como rugas, cabelos, estatura, comprimento das mãos, orelhas, nariz, por exemplo), algumas naturais e outras ainda criadas por nós, humanos, que podem indicar a sua manifestação, mas nunca o tempo propriamente dito. Pode-se distinguir, ainda, sem muito esforço, o que aconteceu, as experiências já vividas, assim como o que poderá acontecer, o futuro e o passado. Ambas as experiências se dão como manifestação de determinados traços de memória que registram o passado e, em relação ao futuro, é revelado o desejo que permite planejar o que ainda não chegou, o que ainda não existe. Passado e futuro não existem de fato: o passado já existiu, apesar de ter deixado suas marcas, muitas vezes profundas, na intimidade de cada pessoa, de cada um que esteve vivo quando a flecha do tempo tocou um ponto determinado da vida. O futuro poderá existir, mas ainda não existe enquanto uma qualidade de experiência que ainda não é e, quando existir, deixará de ser futuro e assumirá a qualidade de experiência. Assim, memória e desejo só podem existir em um único tempo, o tempo presente, o único capaz de ser.

Ouve-se, com certa frequência, que a psicanálise se propõe a tratar

problemas do passado, traumas de infância, por exemplo. De acordo com o que tenho dito, esta é uma tarefa impossível que se tenta delegar não só à ciência psicanalítica, como a qualquer outro campo do conhecimento, no entanto, pode-se trabalhar com as manifestações que acontecem no presente, o único possível. Tais manifestações podem ou não ter a sua gênese no passado e acompanhar o indivíduo por toda a sua vida até chegar a uma sessão de análise mas, para o nosso trabalho, me parece que esta não é uma informação útil.

Quando a experiência vivida se torna dolorosa a ponto de não se suportar suficientemente bem, ou melhor, quando causa um desarranjo no aparelho psíquico que ultrapassa o limite do tolerável, rotas de fuga começam a ser consideradas, seja para o passado ou para o futuro, manifestadas através da evocação da memória e/ou do desejo. Serão sempre tentativas frustradas, o limite do corpo é imperativo e nos mostra o tempo presente da experiência. A mente precisa estar onde o corpo está, ensinava Ferrari (2004). Alguns podem se perguntar quando a pandemia irá passar, quando poderão voltar a fazer planos e estar livres do isolamento social? Outros podem dizer que gostariam que tudo voltasse ao normal, ou seja, a ser como era antes.

Quando a dor da experiência vivida se torna intensa, incessante, insuportável, memória e desejo poderão ser evocados e tomar o lugar da percepção, o que dificultará a apreensão da realidade e a busca pelo desconhecido sempre presente.

FRIDAY OR SATURDAY? CONSIDERATIONS ABOUT THE HUNDRED YEARS OF BEYOND THE PLEASURE PRINCIPLE

ABSTRACT: This article was produced with the intention of elucidating aspects of psychoanalytic theory and, consequently, its clinical practice. The author suggests that aspects related to psychic dynamics, such as pleasure and displeasure, the accumulation of energy in the mental apparatus and its discharge, are closely related to the functioning of each individual, which, in turn, is unique, singular and always in the present time. Aspects of Freudian theory are used as a basis for the development of this work, including biological and embryological points of view of the supposed emergence of the living being sensitive to external and internal stimuli.

KEYWORDS: psychoanalysis, pleasure-displeasure, memory, desire.

¿VIERNES O SÁBADO? CONSIDERACIONES SOBRE LOS CIENTO AÑOS DE MÁS ALLÁ DEL PRINCIPIO DEL PLACER

RESUMEN: Este artículo fue elaborado con la intención de dilucidar aspectos de la teoría psicoanalítica y, en consecuencia, su práctica clínica. El autor sugiere que aspectos relacionados con la dinámica psíquica, como el placer y el disgusto, la acumulación de energía en el aparato mental y su descarga, están estrechamente relacionados con el funcionamiento de cada individuo, el cual, a su vez, es único, singular y siempre. regalo. Aspectos de la teoría freudiana se utilizan como base para el desarrollo de este trabajo, incluyendo puntos de vista biológicos y embriológicos de la supuesta emergencia del ser vivo sensible a estímulos externos e internos.

PALABRAS-CLAVE: psicoanálisis, placer-displacer, memoria, deseo.

REFERÊNCIAS

BION, W. (1967). Notas sobre memória e desejo. in *Melanie Klein Hoje: desenvolvimento da teoria e técnica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990

FERRARI, A. *Vida e tempo: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. Trad. e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, S. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990